



LÍLIA DINIZ

MIOLO DE POTE
DA CACIMBA DE BEBER

EDIÇÃO ESPECIAL

Miolo de pote da cacimba de beber

Lília Diniz



Diagramação:
K&R Artes Gráficas e Editora Ltda
kikjul@terra.com.br

Revisão de Diagramação: Valéria Diniz de Amorim
contato@candiaproducoes.com.br

Ilustração da Capa: Xiloucos
Gravura em linóleo de Manoela Afonso

Ilustrações do miolo: Xiloucos
Xilogravuras de Bia de Mello
Carimbos de borracha de Manoela Afonso

Catálogo na fonte - Iza Antunes Araújo - Bibliotecária CRB-1/079

D585m Diniz, Lília
 Miolo de pote da cacimba de beber / Lília Diniz; ilustração por
 Xiloucos, Bia de Mello e Manoela Afonso. Brasília: Olímpica, 2015.

72 p. : il.
Apoio do Fundo de Apoio à Cultura - Brasília/DF

1. Literatura brasileira, poesia, música I. Título

CDD: 869.91
CDU: 821.134.3(81)-1
SBN 978-85-914001-4-0

É totalmente permitida a utilização e reprodução desta obra,
desde que não se oculte a autoria e a fonte.

Faça contatos comigo:

Lília Diniz
Face: www.facebook.com/liliadinizpoeta
E-mail: liliadinizpoeta@gmail.com

Um farto gole de versos
que jorram pelos meus



olhos
mãos
cabelos
pés
sexo
boca
coração

...



Peço a benção e dedico
esta lavoura de versos a
dona Alice, seu Zé Ferreira,
seu Marcelino,
tia Fransquinha, tio Veichico,
Manoel da Conceição,
e a todos os povos da roça,
dos rios e das florestas!

"Bebo em fartos goles a tua poesia"



Obrigado camponesa amiga, por me levar pelas mãos ao reino encantado em que vivi.

Vejo entre os ramos floridos de teus versos a algazarra festiva da passarada e o cantar dolente das rezadeiras, tangendo as almas para o céu. Mesmo quando teu mundo amplia-se pelas inquietações sociais ou os amores ardentes, ainda assim sinto esse cheiro agradável de flores silvestres.

Mergulho e lá no fundo de mim mesmo, revivo cenas e reencontro sonhos. Reviro as dobras do passado e me encontro ouvindo as cantigas de roupas e, vejo as lavadeiras insistindo em lavar as sujeiras do mundo. Ponho minhas mãos em conchas e bebo em fartos goles tua poesia...

É nesse estado de embriaguez que retorno ao futuro, preenhe de ti.

Zeca Tocantins

Poeta

“Coisa bonita de se ver esse seu atrelamento com a sua terra, suas raízes, seus ancestrais.”



Prezada Lília:

Primeiro, minha impressão sobre o seu livro.

Um belíssimo trabalho artesanal. É a sua cara.

Nunca vi tanta harmonia. Sua lírica com "cheiro de/ terra/ mato e/ fulô", aprisionada num papel que lembra a própria embalagem vegetal, produzida por seu pai na Chácara Diniz. As ilustrações também condizem com tudo. Coisa bonita de se ver esse seu atrelamento com a sua terra, suas raízes, seus ancestrais de quem tanto se orgulha.

Bonita sua autenticidade em tudo quanto faz.

Tudo está de acordo e combina nesta obra.

Não há qualquer incongruência. Até minha fala meio acadêmica, na contracapa, combina com a sua linha de poemas mais eruditos.

Afinal, eu disse que brigam dentro de você dois "eus" e, coincidentemente, duas normas linguísticas.

Acho uma boa saída. As metáforas saem de seu mundo ancestral, de suas vivências anteriores, mas a modulação desse canto satisfaz os ouvidos mais exigentes.

Darcy Denófrío

Universidade Federal do Goiás

Professora de literatura, crítica e ensaísta literária.

“O Miolo é a alma. Exposta, posta fora da casca dura para quem quiser ver e ouvir”



Comi do Miolo de Pote da Cacimba de Beber. E não estava amargo, não. Aliás, estava doce de comer. Doce como a alma. Pois o Miolo denota cerne, centro, interior... alma. E a alma do sertanejo.

No livro a natureza é magicamente transformada e expõe, debate, explica o ser gente em um terreno em que os rios são versos; as roseiras, "poeseiras"; as flores, beijos; os homens, gente.

O "Miolo" é uma floresta de poesias que a gente pode "cavucar" longamente, coletando dados sobre o ser-tanejo. O código é o retrato de um povo.

O linguajar traquejado decodifica a alma do sertanejo. Com esse linguajar poético, o sertanejo trabalha, sofre, ama e deseja. É o uso da voz própria do sertão para quebrar um silêncio falso, nudez inexistente. É uma fala bonita e profunda.

O Miolo é a alma. Exposta, posta fora da casca dura para quem quiser ver e ouvir. Não é o sertanejo que é mudo ou silencioso. É o não-sertanejo que é cego e sudo por vontade própria. Comi de sua alma e bebi da sua água e vi que o sertanejo é ser por princípio e qualidade por natureza. O Miolo de pote da Cacimba de Beber me encheu a alma e me abriu os olhos.

Juscelino Santana

Mestre em Neolinguística UnB



Bicho do mato que sou
o que germina em mim
são versos com
cheiro de
terra
mato e
fulô



Ave quebradeiras!

Bem que vi fogo pagou
com labacéu medonho
nas capoeiras
o canto da juriti
e o balanço das palmeiras.
Se ninguém ouviu eu quero
com esses versos rasteiros
bendizer as quebradeiras.
Empresto meu canto ainda
que de taquara rachada
pra fazer a louvação
junto com a passarada

Quebradeira de coco

Teu trono
é o de tantas outras
que se embrenham nas matas
à busca da amêndoa que dá o sustento
às vezes roubando-lhes a vida

Teu machado
abre as entranhas do babaçu
e conhece bem as curvas
de tuas pernas, que tantas vezes
se fizeram passagem de vida

Teu braço
já sem a força de antes,
empunha o velho macete certoiro,
aos golpes abre o coco ao meio e
em mil pedaços teus sonhos

Tua labuta
transformada em azeite, sabão
Gongos apetitosos
assados ao espeto na brasa
do mesmo coco que o alimentou

Tua realeza
comparada, não menor
que as palmeiras que a ti
reverenciam
Ofertam-te folhas, frutos
haste e pó
que aduba e fortalece
outras vidas



O coco que eu quero

Coco
em florada
esperança
alimentada

Coco
nascido
sonho
parido

Coco
no cacho
olhar
embaixo

Coco
no chão
certeza do
pão

Coco
quebrado
bucho
calado

Coco
torrado
de cumer
temperado


Essência

Impregnado em meu
corpo
trago o cheiro doce do
cedro
Nas minhas magras
veias
o que corre não é
sangue azul
nem vermelho
é puro leite
é puro azeite de
babaçu

Minha pele
foi tecida
pelos bilros de
minha avó "Baita"

Meus olhos esbugalhados
foi mãe da lua
que alumiou,
com o triste canto da
rolinha fogo pagô
fogo pagô! fogo pagô!





O pulsar da
minha vida
tem o ritmo
traçado
pela dança da
mão de pilão

Meu riso frouxo
nasceu
das cantigas de
cordel
à luz das lamparinas
brincadeiras de roda
cair no poço e
pulando corda

Forjada nas
farinhadas
nos engenhos de
rapadura
e nas debulhas de
feijão
mesmo saindo do
mato...
Ele não!
permanece dentro
de mim
grudado que nem
mucuim

Estrume

O que aduba
meu pé de poesia
é o estrume do boi
marcado a fogo
que ruma versos
contra o opressor

É o bagaço da cana
moída no engenho de ferro
que traz no gosto da rapadura
o amargor de vidas
também moídas

São as toras dos babaçuais
estendidas ao chão
pelo machado da ganância
que devasta não apenas florestas
derruba Chicós, Josimos,
Margaridas...

O que fez brotar e alimenta
meu pé de poesia
é a certeza que esses
versos em flor
romperão cercas
fecundarão roçados
e saciarão barrigudas
famintas de
justiça
terra e
pão



Lamentação

Ei moço
tô querendo lhe contar
a coisa aqui tá ruim
tá difícil agüentar

Ei moço!
mandacaru num floresce
minha gente só padece
é grande o nosso penar

Meu santinho, pai José
não ouviu nosso lamento
e da terra o sustento
já não podemos tirar

Inda semana passada
lá no céu uma trovoada
parecia ameaçar
fiquei com os zóio chei d`água
corri com a meninada
para a chuva esperar

Mas uma decepção
feriu o meu coração
era chuva não senhor
era o ronco de avião
passando-se por trovão
dizem que era um doutor

Mas num quero acreditar
que aquele tá de doutor
quisesse nos entender
ver nosso bucho colado
a fome num suspirado
roncar mais que seu motor

Quando lá dentro Maria
num lamento de agonia
me chamou pra espiar
me amostrou lá no fogão
uns carocim de feijão
que era para o jantar

Mas me diga moço
como é que com uns caroços
vou dez filhos alimentar
ver meus bichinho chorando
de fome se acabando
e eu sem puder ajudar

Já faz tanto tempo moço
que ouvimos a promessa
um blá, blá, blá que não cessa
você já deve saber
entra ano e sai ano
já são tantos desengano
é triste nosso viver

Quando chega a eleição
tudo que é solução
aparece por aqui
é uma tal de irrigação
emergência e doação
diz que a fome acaba aí

Mas vou lhe contar seu moço
que tudo é falação
pois pra nós a solução
é novamente esperar
ver nosso povo sofrendo
nossos filhos desfalecendo
nossa vida se acabar





TANTA
TERRA
TANTA
TERRA
TANTATERRA
TANTATERRATANTATERRATANTATERRATA
NTATERRATANTATERRATANTATERRA
TANTATERRA
TANTO
TIRO
TANTATERRA
TANTO
TERROR
TANTATERRA
TANTA
TRAMA
TANTATERRA
TANTA
TENSAO
TANTATERRA
TANTOS
TIRAM
TANTATERRA
TANTOS
TOMBAM

Cherim

Do cheiro que havia em meu corpo
há muito não mora em mim
se foi de manga
cravo
lírio
carmim
da flor da sucupira
laranjeira
rio doce
goiabeira
jasmim
se foi de cupuaçu
canela
erva doce
manjeriço
cravim
só resta teu cheiro doce
em cada pedaço de mim

A dor da germinação

"a dor que deveras sente"
(Fernando Pessoa)

Plantar versos
pode parecer
tarefa fácil,
sentir a poesia germinar
nem tanto...
Na boca de quem a sente
o que resta é um
gosto de guariroba,
no corpo a dor de
quem pariu,
na alma um pranto,
por fim um desejo
de ser novamente
fecundado
não importando a dor

As bonin(t)as

No jardim de minha casa
o que germina são
boninas,
perpétuas,
onze e meia,
vez por outra um
cravo de defunto,
que logo arranco...
Não adianta,
eles sempre voltam e
empestiam tudo
Outra bichinha teimosa é
uma tal de espirradeira
não suporto!
De cor incomparável
as boninas não têm cheiro
mas me arrebatam
Se alguém olha as
perpétuas pode até dizer:
são igualzinhas!
Que nada!
Nada no mundo
tem a cor das boninas!

Escapadinha


Que as
boninas
me perdoem!
Ê que hoje
fui arrebatada
pelo amarelo,
juro que
não foi um amarelo
qualquer
A cidade estava
simplesmente
a-m-a-r-e-l-a-!
Como se não bastasse
tanto amarelo em verso
flor e poesia
parecem ter
em cochicho
combinado tudo
com os guapuruvús
paus-ferro e acácias,
pois lá estavam
amarelinhos,
amarelinhos
Perdoem-me amadas
boninas,
é que me deixei seduzir
pelo amarelo dos ipês
embora continuem
minhas preferidas!
Mas aquele amarelo...

Floramarela

Das fulô que vi no mundo
num posso aqui lhe dizer
pois foram tantas e tantas
mas vou tentar descrever
se num falar de todas elas
é que hoje de manhã cedo
as outras eu pude esquecer
apois das fulô mais bunita
que já vi com esses óio
foi as fulô do ipê

Vi fulô de girassol
de lírio e algodão
cravo isaac e crisântemo
begônia e cravo leão
a gérbera e a celósia
hibisco inté açafirão
nessas fulô tudim
amarelo eu pude ver
mas as cor nem se parece
cum as fulô do ipê

Vi fulô de gameleira
e também de jatobá
de caju, de laranjeira
de algodão, maracujá
Maria Preta, cajazeira
algaroba, piquizeiro e juá
vi as fulô do mamulengo
as fulô do muçambê
e nenhuma é mais mimosa
que as fulô do ipê



As fulô do mandacaru
é bunteza de esperança
da chuva que vem chegado
dum povo que nunca cansa
os flamboyant em florada
é espanhola em dança
e as jardineira tem o cheiro
dos dia que vai chover
mas nenhuma me tocou
que nem as fulô do ipê

Vi fulô de onze e meia
ingazeira, babaçu
vi o milharal em florada
os bacuri, os cupuaçu
murici, andiroba, açai
as fulô do mulungu
angico, cedro e barriguda
e de tantas que vi florescer
os meus oio se encantô mermo
foi pelas fulô do ipê

Invasão

Um certo rouxinol
Fez ninho no meu olhar
Enfeitou meus ouvidos
Coloriu minhas pálidas manhãs
Perfumando o anoitecer
Com seu doce cheiro
Das jabuticabas gerais



Adocicada

Não é o cheiro das mangas
dos quintais de minha mãe
que trago na pele agora
entranhado em meus poros
teu suor adoça meus versos
embriaga minha poesia



Alumiada

Careço de ti
iluminando meus dias
com a lamparina
dos teus olhos



Birra de muié


Dessa vez é de verdade
tou zangada e é pra valer
não adianta se achegar
tou com raiva de você
não quero saber de beijo
nem dos seus agarramento
não te amo nem desejo
fique longe e sai pra lá
vai te embora seu nojento
caburé de orêia, carcará

Foi mesmo assim que eu disse
com raiva feito um guachinim
saí batendo as portas
brigando inté com os vizim
xinguei fiz jura de esquecer
das coisa boa que nós vivemos
e para ninguém dizer
que é aumentação minha
fui dormi fora do quarto
lá na cama com cidinha

Passou um dia, dois dia
e eu lá de calundú
ele jurando que me amava
eu dizia: não gosto de tu
não mexe comigo não
vou fazer uma vingança
de espantar até o cão
vou cumer é bem quentinha
se prepare que vai vê
a raiva duma baixinha

Eu gosto mesmo é quentinha
disse safado o sujeito
eu falava de minhas raiva
ele tomando proveito
fazendo promessa de amor
enfraquecendo minhas mágoas
me chamando de fulô
com aquele jeito safado
eu virava a cara e dizia
esquece tá tudo acabado

Três, quatro, cinco e seis
foram os dia da semana
que agüentei daquele jeito
dura que só pau de cana
e quando o galo num alarido
cantou hoje bem cedinho
ele tinha me beijado o ouvido
as coxa, o cangote e... o pé
essa coisa de marido
que quer enrolar a muié



Se esfregava, me cheirava
como nunca até esse dia
e disse: me beija amorzim
eu queria mas não queria
disse: beijo não senhor
se quiser é mesmo assim
ai o negócio esquentou
nos atrasamos pro serviço
e foi tanto rebuliço
que a cama se quebrou

Mas beijar não beijei não
que é pá manter a fama
de birrenta, de zangada
mulher que num se engana
e tou é me aproveitando
deixando assim ele pensar
que tá podendo tá mandando
já são dez dia sem beijar
assim vou é me vingado
mas olhe melhor pensando
tou mesmo é pra não agüentar

Mais maió

Mode dessas tuas coisa
de viver a me percurá
o tamãe do meu querê
agora eu vou lhe contá
que santo Antõe
num lhe avisou
adispois num vem falá
tempera, meu bem tempera
é assim o meu gostá

Mais maió que os pé de manga
que tem lá no meu quintá
esperano vim a chuva
pra puder afulorá
mais maió que as pitombera
carregada de bolota
mode a gente chupá

Mais maió que as goiabeira
que aqueles pé de ingá
que tem lá na umarizeira
donde a gente vai banhá
mais maió que as jaqueira
toda cheinha de jaca
pá gente se impanziná

Mais grande que a lua cheia
quando vem alumiá
os terreiro lá da roça
pa mode a gente brincá
mais maió que as catinguera
que os pé de sapucaia
que os rio que os má

Facho quente

Me arresponda o que faço
com tanto desejo a queimar?
que incendiando meus dias
eu chega nem sei expilicar
apois me deixa tumém moiada
chego inté a trevaliar
que nem as toras de pau verde
das noites de São João
eu sinto umas labaredas quente
que queima quarquer vivente
brubuia as veia do coração!

E o que faço com a lembrança
dos teus óio a me prisiguir?
pelejo, mas como jogar fora
a buniteza dum colibri
a candura da lua cheia
que fica me oiano a se rir?
tão lá, abutecado a me chamar
pelejo pá fugir mais num dá não
apois sinto umas labaredas quente
que queima quarquer vivente
brubuia as veia do coração!

Como posso isquecer, vamo diga?
aquele bejo que de mim foi roubado
aquela língua me dispindo
o teu coipo no meu apregado?
que nos sonho me atrumenta
com esse jeito de home safado
adonde posso me isconder, diga!
inrriba do céu ou debaixo do chão?
apois sinto umas labaredas quente
que queima qualquer vivente
brubuia as veia do coração!

E pru que é que tu num vem?
e que nem dois bicho do mato
nóis se agarra, se ama, se chera
se aprega que nem carrapato
pru que é que tu demora?
vem logo que o fogaréu ta é arto
eu sei que tu tumém ta doidim
rumbora home, que demora do cão
apois sinto umas labaredas quente
que queima qualquer vivente
brubuia as veia do coração!



Habitat

As rolinhas
que habitam meus ouvidos
me fazem dançar
toda manhã de chuva
no fogo de teu corpo

E esse babaçal
que meus olhos abrigam,
acolhe os bem-te-vis
famintos do gosto
manga rosa
que escorre
de tua boca

Caça e caçador

"Quem não pode com o pote
não bota a rudia na cabeça"

Buliu com meus sentidos
me deixando toda acesa

...

foge, foge de mim
que eu te caço,
armo minha arapuça,
fico na espera,
te faço minha caça
e meu di cumer





Esgalamida

Da tua boca quero
uma cuia de
beijos maduros
como quebrajejum
dessa saudade
roedeira

Cabreiro

Abrindo a cancela
dos teus olhos
vi que o medo
desapiou e se
arranchou no
terreiro do
teu coração





Fogosa

Teu corpo
caos urbano
devora
minha tesa
calmaria
camponesa

Ribeirão

Socada mata adentro
ouvi o fuxico das gameleiras
bendizendo tua beleza
Seduzida pelo
mumuiar de tuas águas
mergulhei cabreira
com sede e desejo
de provar o gosto teu
Molhada por inteira
me despi dos pudores,
descansei em tua ribanceira,
fiquei a espiar
tuas curvas tesas
que afogaram meu olhar,
arrastaram meu corpo
à pororoca dos rios em profusão
Doce e manso ribeirão

Imperatriz

Banhada pelo medo
de ser possuída
na correnteza
dos versos teus,
fiquei à tua margem
onde pensei está segura

...

Fui fatalmente
emprenhada pela
doce poesia do teu leito

Sabor nordestino

Se me queres cajuí
desejo ser doce e raro
deixar no teu corpo o cheiro
dos cajueiros nordestinos
Desejo ser cajuína
saciar tua sede
com os beijos sonoros
dos passarinhos empapuçados
Desejo ser "pé de tonel"
embriagar teus sentidos
aquecer teu corpo
com meu pequeno caju em flor



Enfadada

As verrugas do tempo
pousam sobre
meus ombros

...

teimo te esperar
contando estrelas

Fuxico de Passarim

Cadê rouxinol
cadê bico de brasa
cadê tico-tico
cadê fogo pagou
será que de tanto
ouvir meu penar
avoaram e se foram
buscar meu amor

Cadê jaçanã
cadê bem-te-vi
cadê sabiá
que hoje não cantou
será que de tanto
ouvir meu lamento
avoaram e se foram
buscar meu amor

Que todo mundo sabe
periquito já contou
arara já deu notícia
João de barro espalhou
Juriti anda dizendo
que tou roxinha de amor



Ausência

Esse dias sem
tua presença
ando atravessada
por caranguejos cambetas
carcomida
por traças banguelas
inundada
por açudes de verão
que sem ti amor
florir não posso

Mala ideal

Cacei nos meus cacarecos
a mala que escolhi
para guardar teu coração
não serve outra, quero aquela
que é muito bem fornida
pra guardar tanta paixão

Deve tá empoeirada
suada, desmantelada
e olhe que é sem valor
mas guardaria quentinho
esse teu singelo amor

Nas andanças que já fiz
ela deve ter se rasgado
ou quem sabe se perdeu
se não encontrar logo
teu coração, pobrezinho
vai ter que morar no meu

Que aviso não é seguro
pois arde e queima
que nem palha de babaçu
e numa ligeireza tão grande
vira brasa, fogo vivo
queimando eu, queimando tu

Encomenda

Indo à Feira da Ceilândia
e encontrando meu benzim por lá
diz que eu tou quase morrendo
tou mermo é pra num aguentar
com uma saudade medonha
passo o dia a choramingar.

Diz que mande nem que seja
uma cuia de feijão pra mim
mas tem que ser do Piauí
ou então mande uns cravim
pra eu mastigar todo dia
e não esquecer dos seus bejim.

Que se quiser pode mandar
uma buchada bem temperadinha
pelas mãos de Rita véia
com coentro e cebolinha
que bote assim de quebra
um punhado de farinha
e tem que ser de puba
daquela bem caroçudinha.

Aceito de muito bom grado
um queijo de coalho lá de Caicó
também me lambuzo todinha
se vier junto uns bodó
ai, mas se ele vier junto
pra eu num ficar mais só...

Vixe Maria! Que eu prometo
devorar ele tim tim por tim tim
no café, no almoço, na janta
empapuço ele de abraço e de bejim
tempero nosso imenso querer
arrisco até uns versim
mas ver se passa mermo
passa na feira da Cêi
traz essa encomenda pra mim.



Alimento

Se faço
"Versos com gosto de vida"
"do que parece nada valer"
é que bebi água de chocalho
ao amanhecer,
fui ungida pelos dedos de
minha mãe
aquecidos ao fogo das
lâmparas,
provei o gosto
das canções enluaradas,
correndo
atrolei
estrelas nas
ladeiras
da Serra do Cravim,
banho meus sonhos
no açude da esperança
de Água Viva e
mato minha sede
com o miolo de pote
da cacimba de beber



Afogada

Nafraga no açude
Dos teus beijos
Pesco estrelas
No céu da tua boca

Brincadeira de menina

Então a gente brincava
imitando as lavadeiras
as dos açudes, dos poços
em cantigas corredeiras,
fazendo espuma branquinha
lavando com as casquinhas
daquelas saboneteiras
as roupas das bonequinhas
todas bem prazenteiras



Lavadeira

O ranger da gangorra
que conduzia o balde
ao fundo do poço
permanece sonoro, melódico

O soar da velha escova
que num vai-e-vem
retirava toda sujeira
de roupas alheias,
era música
às vezes trágica,
outras, esperança

Velho tambor de
pneu de trator
Tratado, revirado, avessado
no tronco da algaroba,
por quantas vezes o enchi
muito mais ela o secou
lavando, esfregando
ensaboando, enxaguando
roupas e sonhos

Tocantins

Em tuas águas
mergulho pra ver
melhor o mundo,
lavo meu corpo
cansado,
banho meus sonhos
ressecados,
afogo desilusões,
renovo minha esperança
e toco a vida adiante



Poeta do rio

Zeca Tocantins

Esse poeta
que nasceu rio
atravessa
cada amanhecer
na balsa dos versos
Sua correnteza
não tem pressa,
seu destino
não é mar
Em pororoca constante
teima pescar palavras
nessas águas

Enchente

O rio que muito amei
não teve compaixão
rasgou
minhas entranhas
lavando
lavando
lavando
lavando...

...
levando
levando
levando...

...
leva
marcas de mim
Imprimiu em minhas
paredes sua cor
Veio feroz
Veio rasgando
Veio veloz

...
suas águas
tantas vezes
por mim cantadas
quiseram em sua dança
me levar

Me leva...
Me leva...
Me lava...
Reclamou minha ausência
e mais vermelho
que antes
seguiu seu destino
de rio



Força das águas

Esse espírito que
navega da nascente
às ribanceiras
entre matas
pedras, redes,
alimenta a poesia
nos sonhos
das lavadeiras

As do rio
se renovam
naqueles braços de mar
pois cada dia é um rio
diferente a passar

As dos poços
e açudes
de molho pegam a
sonhar
Versos
arrebentam
das trouxas,
das espumas,
do olhar

De sonhos
elas entendem
lavam todos,
todo dia
e botam
de quarador
na pedra
do meio dia,
ensaboam,
lavam,
enxáguam
em bonitas
melodias





Alicezé

Filha de mãe cearense
aprendi desde cedo
ser mulher viveadeira

Meu pai carpinteiro
lavrou cada pé de pau
como quem lavra a vida

Inquieta, minha mãe
ensinou-me
que é preciso ter pressa
correr à frente
para alcançar os sonhos

Paciente,
meu velho carpinteiro
plainou sonhos em mim
cravou verdades
lixou incertezas

Forças
opostas
me apontaram
os caminhos que
escolhi trilhar





Cantiga de ninar

"lua, luar pega essa menina
e me ajuda a criar"

Elevada em
apelos poéticos
ao céu da tua cabeça
fui entregue à
deusa das
noites sertanejas



"Liça muié"

me rio

me lua

me pote

me jacá

me poço me mato

me pilão me barro

me azeite me açude

me abane me esteira

me cabaça me quibane me cacimba

me vagalume me lamparina

me poetiso

em ti

Lizoca

Minha mãe de consideração
foi Lizoca
Negra
Guerreira
Parideira
Dezoito filhos
Mãe de tantos outros mais,
mãe paciência,
bondade e
resignação
ouvindo a voz da sabedoria
sob as bençãos
de suas fervorosas orações
cresci



Corpo franzino,
cabelos escorridos, lambidos
Teimosia constante
de menina birrenta, gasguita e
cheia de mungang
De cambitas secas,
corre que nem sarfema,
vive remedando os outros,
tem o badalo roto
e onde chega
a laquera tá formada
- O menina medonha,
toma juízo sua cibita e
te comporta que nem gente!

Cibita baleada

Encantamento

(Por Neuza Deconto)

No reino dos
Araiozes
conheci os
deuses
do mangue,
do bumba-meu-boi
Dancei à luz da lua
com as deusas
desdentadas
de risos largos,
das cacimbas,
dos causos
Ouvi o mumuiar
da água doce
na terra prene de
poesia,
pelos e
nos
olhos da
Flor(Isa)
Voltei em riba do
tempo
embriagada de
encantamento
à terra das
estrelas de pedra



Violeiro

(a João Santana)

De viola em punho
esse menino
de repente me
emprenha de versos

Com olhos ligeiros
a cantoria que dele
nasce no improviso
alimenta minha poesia,
me faz reviver
puros momentos
de infância,
onde nas noites de lua cheia
viajei nos martelos agalopados
nas canções e rimas
dos romances
de cordel

Costureira de versos

(à Nazinha Ribeiro)

Penso que colher versos
amanhecidos a cigarras
rouxinóis e no misterioso
adormecer das lagartas
seja que nem encher
o bucho de estrelas

Fazer sentido não faz não
mas é uma necessidade
em mim maior que a
largura do vento

Versos de chita
enfeitados de flores retirantes
de pássaros menestréis
e árvores onde meninos descansam
nas sombras alumiadas
ninados pelos aboios
dos vaqueiros encantados
pelas cantigas das raspadeiras
coroadas por mandiocas
que contam e cantam
suas histórias iguais
em contentamentos e desgostos

Pobre de mim
que só costuro palavras simples
formando versos raquíticos
das pequenas coisas
que vou catando nesse chão enviesado

Pobre de mim
que só sei versejar assim
versos brejeiros





Transfiguração

As casinhas de palha e taipa
me comovem
como o pantanal
a Manoel de Barros

Dentro delas
me sinto que nem
gongo de coco babaçu
ignorando a fome do machado

Me penso feto
abraçado pelas palmeiras
aquecido pelas mãos da terra
que nem ovo de lambú
chocando para nascer

Suas portas
de estreitas esteiras
facilmente jogam abaixo
minhas grades de ferro
enternecendo meu riso desenxavido
trazendo aos meus pés
a alegria dos pés das galinhas
em bascui de arroz
ao pé do pilão

Agrado

Na terra de pedra eu procuro
uma estrela para o meu bem
olho, procuro e não vejo
parece que já não tem

Estrela Dalva, uma das Marias
qualquer uma pode ser
do campo azul estrelado
que germina ao anoitecer

Amarela, cadente, vermelha
bem aqui na minha mão
pra clarear aquele olhar
janela do coração

Quero uma só que seja
pode ser de qualquer cor
eu só quero uma estrela
pra agradecer meu amor





Vermelhas

Na calada da noite
elas invadiram a cidade
avermelharam a paisagem
e deram um colorido especial!

Chegaram de mansinho
ninguém as viu chegar
avermelharam a cidade
e o verde ficou mais bonito!

Não avisaram a ninguém
chegaram de surpresa
avermelharam o chão
e despertaram-me recordações!

Quando menina
ia até o último galho
avermelharam minhas mãos
e me encantaram...

Floriram os flamboyants!

Descuido de poeta

Por razão de encantamento
de hoje em diante
meu sorriso será
doidamente amarelo
como as flores de agosto
que hipnotizam
irradiando versos luminosos
ofuscando os que ignoram
a poesia incandescente
e arrebatam
as almas descuidadas



Buchuda

"Pra sair de uma ressaca
somente outra cachaça"

Grávida de poemas
baldeio versos pálidos
embriagada pelo
licor da inspiração
Entonteço em palavras
e cambaleio quase em
passamento
Tenho alucinações com
gosto de alho e
no escuro tasteio versos
que fervilham como
azeite apurado
no fogo da casca de babaçu
Busco dormir em vão,
poemas vão germinando
qual plantio de feijão
no abafado das
roças encoivaradas
No truvo do quarto
misturo palavras no papel
quando passa a gastura
vem a ressaca
Bebo novamente na
caneca prateada
da garapa que me
engravidada

Amada loucura

ao Menezes y Morais

Poeta, meu irmão
somente tu podes responder
às minhas inquietações
Diga que não estou louca!
E se depois da minha confissão
acreditares que sim
não deixe que me enclausurem
para que não sinta essa
doce loucura
que me toma a alma

Quero continuar
andando descalça
pela terra seca encharcada de
cantoria, repentes, emboladas...
Sentindo as artérias dos rios
pulsarem ao som dos tambores
do maracatu, do bumba-meu-boi
do cacuriá, tambor de crioula...
Conversando com a velha sucupira
que perfuma meus cabelos em flor,
vendo os ipês com seus versos serenos
abençoando meus dias



Não meu irmão!
não deixe que me privem
de sentir desejo e cheirar
cada olho que me arrebatou,
beijar cada boca que desejar,
olhar o céu e chorar,
tocar estrelas e gozar,
andar nua e dançar
Se isso for loucura amado,
diga ao menos que me deixem
cantar com as cigarras
e explodir em sinfonia...
Só a ti confio minha loucura!



Que diacho é isso mulher?

Abafado: Diz-se do feijão que é jogado aleatoriamente no mato roçado e nasce enramando entre os troncos dos pequenos arbustos.

Abane: utensílio feito da palha da palmeira de babaçu utilizado para ajudar a acender o fogo.

Abutecado: olho bem arregalado, bem aberto.

Água de chocalho: "parece que bebeu água de chocalho" expressão utilizada pra quem fala muito. Quando as crianças demoram falar é, ou pelo menos era, costume colocar água dentro de um chocalho (sino) de boi para que elas falassem rápido.

Água Viva: povoado localizado no município de Davinópolis no qual residem meus pais.

Algaroba: apelido da algarobeira. Árvore resistente à seca.

Araiozes: cidade do estado do Maranhão.

Arranchou: encontrou abrigo

Azeite apurado: azeite no ponto, azeite pronto.

Babaçu: coco retirado de uma espécie de palmeira utilizado para subsistência de muitas famílias, principalmente nos estados do TO, MA, PI e PA. De sua amêndoa faz-se sabão, retira-se o leite e o azeite que é utilizado na culinária. Da palha faz-se artesanato utilitário, bem como a cobertura de casas.

Babaçual: plantação de coco babaçu.

Badalo roto: aquele (a) que conversa demais.



Baita: apelido da minha avó. Chamávamos de Madrinha Baita.

Baldeio (baldear): vomitar, provocar.

Barriguda: árvore de tronco grosso (paineira), onde guarda uma grande reserva de água, lembrando uma mulher grávida.

Bascui: lixo (no caso do poema são os farelos do arroz que caiu do pilão).

Bilros: artefato feito de coco “tucum” ou madeira, no formato redondo e um palito de madeira, utilizado para o trançar a linha na almofada de fazer renda. (renda de bilros).

Birra: teimosia.

Bodó: espécie de peixe comum nos açudes e pequenos riachos. Também conhecido como acari, acari-bodó, bodó, cari, boi-de-guará e uacari.

Boninas: espécies de flores de um rosa arroxeados.

Brubua: borbulha.

Cabreiro: desconfiado, cuidadoso.

Caburé: espécie de coruja

Cacimba: poço raso de água. Cavado sempre ao lado de uma nascente, de onde é retirada a água para consumo doméstico.

Cajuí: espécie de caju pequeno

Cajuína: bebida não alcoólica feita do caju.



Calundú: tédio, amargura, mal-humorada.

Cambaleio (cambalear): tropeçar.

Cambetas: pernas tortas.

Cambita: pernas finas

Ceilândia: Região Administrativa do Distrito Federal que abriga uma população considerável de nordestinos.

Cibita: menina magra e peralta.

Cordel: folheto de versos rimados, muito popular no nordeste.

Corpo franzino: magro.

Desapiou: desceu.

Desenxavido: sem graça.

Embrenhar: adentrar.

Empapuçado: farto, barriga muito cheio.

Emprenhada (prenhe): grávida.

Em riba do tempo: em cima da hora

Enfadada: cansada

Esgalamida: gulosa, esfomeada

Feira da Cêi: modo carinhoso de chamar “feira da Ceilândia”.

Franzino: magro, raquítico.



Fulô: flor

Gasguita: que faz muito barulho.

Grugumim: popularmente conhecida como a parte da garganta onde ficam retidos alimentos quando engasgamos.

Guapuruvú ou baquerubu, guapurubu, ficheiro, pau-vintem: árvore da família das leguminosas, alta, elegantemente bela e de flores amarelas, com sementes duríssimas, utilizadas em artesanato e jogo de baralho.

Guaxinim: animal mamífero e carnívoro, temido pelos cachorros de caça e caçadores pela sua valentia.

Imperatriz: a segunda maior cidade do Maranhão. Minha cidade mãe do coração.

Jacá: utensílio feito de taboca(bambu). Utilizado em animais para transporte de cargas, legumes, cereais e a meninagem menor.

Labacéu: barulho.

Labuta: trabalho, labor.

Lambú: nhambú, pássaro comum no sertão.

Lamparina: utensílio utilizado para iluminar as casas que não tem energia elétrica.

Laquera: barulho.

Liça: nome pelo qual minha mãe (Alice) é chamada pela vizinha e amiga Creuza.



Macete: cacete/peça de madeira utilizado para quebrar coco babaçu.

Mãe de consideração: alguém que você considere mãe.

Mandacaru: cacto muito conhecido no sertão nordestino.

Martelos agalopados: expressão da literatura popular, versos de seis pés decassílabos, de toada violenta improvisada pelos cantadores de viola em seus desafios.

Miolo de pote: no caso do livro é a definição simples do que vai dentro do pote: água! Popularmente podemos reconhecer a seguinte expressão: "fulano só conversa miolo de pote" expressão utilizada para definir quem fala muita besteira, carga d'água, conversa fiada, sem importância, tolice.

Mucum ou micum: ácaro de cor vermelha que em sua fase de larva causa fortes comichões no homem e nos animais, é minúsculo.

Mulher viveadeira: mulher trabalhadeira.

Mumuiar: murmurar.

Munganga: palhaçada, careta.

Passamento: desmaio, passar mal, bilôra, sapituca.

Pé de tonel: classificação para a "melhor" cachaça, aquela que fica no fundo do tonel.

Quarador: lugar muito quente ao sol (em cima de pedras, de moitas) onde as lavadeiras colocam as roupas para amolecerem a sujeira.



Quebrajejum: desjejum.

Quibane: utensílio feito de taboca, utilizado para manuseio de cereais.

Roças encoivadas: encoivarar é juntar (o resto do mato mal queimado nas roças) em coivaras nos preparativos dum roçado, para queimá-lo de novo.

Rudia: tecido enrolado utilizado para colocar na cabeça das mulheres quando carregam lata d'água, banheiras ou outro elemento pesado.

Saboneteiras: sementes pretas de um arbusto das quais as meninas utilizam em suas brincadeiras para lavar as roupinhas das bonecas com as cascas que soltam espuma.

Serra do Cravim: povoado localizado no município de São Francisco do Brejão-MA. Lugarejo onde meu pai “botou” roça por vários anos e onde eu passei parte da infância.

Trevaliar: ver miragens.

Tucum: palmeira cheia de espinhos nas palhas que dá um coquinho amarelo do qual se faz anel/aliança artesanalmente.

Umarizeira: Cachoeira da Umarizeira situada no município da Serra de Martins/RN, onde morei por dois anos.

Zoio: olhos.

Bibliografia:

Vocabulário familiar

Aurélio 2ª edição ed. Nova Fronteira



Que todos saibam!

Costumo dizer que me alfabetizei nas letras e nas artes através da literatura de cordel.

E foi assim mesmo!

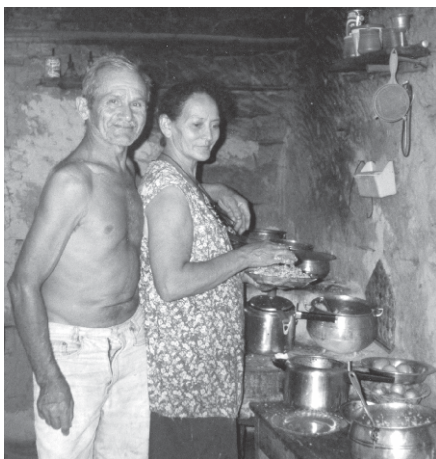
À noite, à luz das lamparinas, ouvindo as cantorias no rádio, os versos sem que eu mesma soubesse, eram plantados em meu imaginário e alimentados pelo silêncio de **Zé Ferreira** e pela força de **Alice**, meus pais.

Germinaram os primeiros frutos em Babaçu, Cedro e Outras Poéticas em Tramas, e agora essa nova safra que partilho com vocês, jorra como água corrente e estou certa que apenas deixo fluir o que bebi e bebo diariamente desses dois mestres que me permitiram existir.

- A menina munganguenta, Zé Ferreira, agora planta versos noutros terreiros do mundo, mas ainda ouve a melodia doce do tempo em que era chamada simplesmente de Neta.

- Mãezinha, criei asas, mas não esqueci o caminho de casa. Juízo? Nem tanto! Mas tua força me inspira a viver, sabendo que apenas copio de ti os versos que escrevo e que são teus.

Saibam que esse livro não foi escrito somente pela Lília Diniz, antes de tudo foi pela Neta, filha do seu Zé e da dona Alice, agricultores de sonhos que em mim plantaram sementes de versos com cheiro de terra, mato e fulô.





Assim como o matuto se alegra com a rã que amanheceu rapando, eu me alegro com suas palavras estampadas no mural, bem dizer, saídas do seu “Miolo de Pote da Cacimba de Beber”.

Sobre este seu livro, gosto de formato simples feito uma florzinha do mato, a textura áspera e leve do engradado de maniçoba, panasco, catingueira, mororó, mata-cachorro e capim mimoso pra cabra poeta se soltar e cintilar de contente.

Saudações beradeiras, feito banho de açude, farinhada e rapadura e um abraço arrochado feito caminhão de romeiro seguindo pra Canindé.

Jessier Quirino

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF

FAC FUNDO DE APOIO À
CULTURA
DO DISTRITO FEDERAL

Secretaria de
Cultura e
Economia Criativa

Realização:

Produção:

Apoio:



cinese

ISBN: 978-65-00-39961-5

